

A FACE NEGATIVA DE NARCISO E A RELAÇÃO TERAPÊUTICA: UM ESTUDO DE CASO¹

THE NEGATIVE FACE OF NARCISSUS AND THE THERAPEUTIC RELATIONSHIP: A CASE STUDY

Karolina Kuhn Wurdig² e Marcos Adegas de Azambuja³

RESUMO

O presente trabalho discute um caso clínico de um homem adulto, intitulado aqui como Narciso, atendido em uma clínica-escola de Psicologia de uma universidade particular que oferece serviço à comunidade. No referencial são utilizados conceitos referentes à Psicologia Analítica criada por Jung. O objetivo do trabalho consiste em refletir sobre os aspectos conscientes e inconscientes explicitados na relação terapeuta e paciente, vivenciados em uma experiência clínica. Para isso, utiliza-se da análise dos relatos dialogados descritos ao final de cada sessão. Enquanto resultados alcançados, enfatiza-se a importância que a transferência e a contratransferência têm no andamento da psicoterapia. Compreender a persona, sombra, anima/animus e o processo de individuação como um todo só foi possível por essa contínua comunicação que a transferência, a contratransferência e o emaranhado de afetos envolvidos possibilitaram. Conclui-se que no manejo terapêutico não há apenas um que vive o processo de individuação, mas ambos, paciente e analista.

Palavras-chave: psicologia analítica, Jung, mito, transferência, contratransferência.

ABSTRACT

This paper discusses a clinical case of an adult male, named here as Narcissus, attended in a clinic school of Psychology of a private university that offers service to the community. The referential is based in concepts related to the Analytical Psychology created by Jung. The aim is to focus on the conscious and unconscious aspects detailed in the relationship therapist and patient, experienced in a clinical trial. To do so, it uses the analysis of dialogued reports described in the end of each session. The results achieved increased the importance of transference and countertransference in the course of psychotherapy. The understanding of concepts as shade, shadow, anima/animus, process of individuation, was only possible by the continuous communication that transference, countertransference and the tangle of emotions involved. We conclude that the therapeutic management is not only for one process of individuation, but for both patient and analyst.

Keywords: analytical psychology, myth, transfer, countertransference.

¹ Trabalho referente a uma experiência de estágio específico - ênfase em Processos Clínicos.

² Acadêmica do curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: karolwurdig@gmail.com

³ Orientador. Professor Adjunto do curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: m_adeagas@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A transferência revela-se enquanto algo vivo, pois emerge do contato emocional dos pacientes com a situação analítica. Hoje se sabe-se que o acontecimento transferencial também induz o analista a produzir uma resposta emocional frente ao seu paciente - a contratransferência -, demonstrando assim a vivacidade do encontro analítico. Como este encontro enlaça duas pessoas em afetos, sentimentos, vivências inconscientes que vão engendrar mutualidade, isso nos permite nomear a inserção no âmbito intersubjetivo, em que paciente e analista estão irremediavelmente vivos (PALHARES, 2008). Essa comunicação de inconscientes do analista e do paciente fornece reverberação na capacidade do analista em diferenciar em que momento ele é objeto de identificação ou não, reconhecendo, assim, a linguagem não verbal dos sentimentos do seu paciente (ANDRÉA, 2006).

Entende-se a valiosa ferramenta que é a relação analista-paciente no tratamento, provendo a forma, a teoria e a construção de suas intervenções vinculadas à compreensão dos afetos (VIVES; ROCABERT, 2008). É nesse entrelaçado de afetos que este artigo nasce, tentando promover a interação de minha prática clínica com a reflexão teórica e a compreensão dos aspectos conscientes e inconscientes presentes no atendimento. Narciso teve seu nome fictício inspirado no mito, tendo como embasamento para essa escolha a relação, especificamente, entre sua história de vida, comportamentos no consultório e questões da personalidade deste paciente.

Na Psicologia Analítica de Jung conhecimento equivale a consciência, sendo o conhecimento e o autoconhecimento inseparáveis. A aquisição e construção de saber é um artifício de ampliação da consciência, denominado, por Jung, processo de individuação (PENNA, 2004). A individuação seria a manifestação, na vida, do potencial inato e congênito da pessoa, em que ela é muito mais a busca do que o alvo em si, mais direção a seguir do que local de descanso na caminhada. O ego em processo de individuação seria o alcance, em diferentes momentos, de transcender a imagem que fazia de si mesmo até então, dando espaço para o caminho da individuação, sem que a identidade do ego restrinja algo (HALL, 1986).

No momento da escolha do nome fictício para o paciente, trago o conceito de amplificação como uma forma de demonstrar a importância da mitologia, que diz de um inconsciente coletivo e dos arquétipos. A amplificação seria uma das maneiras de lidarmos com a narrativa da análise, na qual, primeiramente, encontramos similaridades no processo analítico e no conhecimento cultural, movendo de uma imagem pessoal para uma coletiva e cultural (BERRY, 2014). Com isso, podemos citar a mitologia como uma dessas possibilidades de correlação entre o caso proposto nesse artigo, sua amplificação e similaridade com o Mito de Narciso.

Os mitos são eternos e nunca completamente resolvidos na vida e, com isso, podemos aguardar que certas partes de nossa personalidade estejam em contínua obediência a algumas das mais desagradáveis excentricidades míticas. É como se não houvesse caminho para fora do mito, apenas

mais intimamente para dentro dele (BERRY, 2014). Quando há o retorno ao mito de Narciso e o paralelo com a fala do paciente atendido, compreende-se a importância desse aprofundamento como uma forma de iluminar essa contínua expressão da personalidade e da representação dos arquétipos. O arquétipo seria uma tendência a formar as mesmas representações, como imagens ou temas mitológicos, podendo até mesmo ter inúmeras variações de detalhes, mas sem perder a configuração original (JUNG, 2008).

O mito, de forma resumida, seria protagonizado por Narciso, um belo rapaz, filho do deus do rio Céfiso e da ninfa Liríope. Por ocasião de seu nascimento, seus pais consultaram o oráculo Tirésias para saber qual seria o destino do menino. A resposta foi que ele teria uma longa vida se nunca visse a própria face. Muitas moças e ninfas apaixonaram-se por ele quando atingiu a idade adulta. Porém, o belo jovem não se interessava por nenhuma delas. A ninfa Eco, uma das mais apaixonadas, não se conformou com a indiferença de Narciso e afastou-se amargurada para um lugar deserto, onde definhou até que somente restaram dela os gemidos. As moças desprezadas pediram aos deuses para vingá-las. Nêmesis apiedou-se delas e induziu Narciso, depois de uma caçada num dia muito quente, a debruçar-se numa fonte para beber água. Descuidando-se de tudo o mais, ele permaneceu imóvel na contemplação ininterrupta de sua face refletida, em que seu rosto murchou, seu cabelo cresceu desmesuradamente e seu nariz apresentou uma coriza continuamente a escorrer. Mas nada disso era o bastante para fazer com que ele deixasse de amar aquele rosto magnificamente belo. Assim, foi definindo lentamente o pobre Narciso até morrer (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2003).

É com esse nome fictício e os diversos atendimentos feitos na clínica-escola, efetivados em uma universidade e caracterizados enquanto uma experiência de estágio do último ano da faculdade de psicologia, que pretendo expandir algumas análises que fiz acerca desse caso ao longo desse período. Diante disso, este artigo tem por objetivo analisar os aspectos conscientes e inconscientes na relação terapeuta e paciente, vivenciados em uma experiência clínica. Como objetivos específicos, pretende-se relacionar determinadas imagens arquetípicas ao caso clínico; descrever os processos de transferência e contratransferência presentes na análise; e, por fim, discutir sobre a temática da transferência e contratransferência como parte fundamental no andamento do processo analítico.

MÉTODO

Realizei um estudo de caso clínico, por meio de relatos dialogados transcritos ao final de cada sessão como base para estruturar este artigo, nomeando assim sua característica qualitativa e documental. Foram vinte e três encontros comparecidos ao total pelo paciente em questão. Tais atendimentos ocorreram na clínica-escola de uma Universidade do interior do Rio Grande do Sul no ano de 2013.

O estudo de caso configura-se como um conjunto de informações sobre o paciente que podem ser obtidas de diferentes formas, buscando retratar sua realidade, a mais profunda e complexa possí-

vel. Para isto, ultrapassa a simples observação dos dados, engloba obtenção de informes nos prontuários, entrevistas, sessões psicoterápicas, relatos e informações familiares e de equipes profissionais vinculadas, conforme as peculiaridades de cada caso, podendo, então, basear seu estudo em dados documentados (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Ao longo do texto foram apresentados trechos dos relatos e interlocução com referenciais teóricos junguianos para maior expansão do tema. Tanto as falas citadas diretamente como o referencial teórico que a envolve não delimitam que a reflexão seja somente sobre aquele trecho específico, mas, sim, sobre o processo analítico como um todo. O pesquisador pode escolher fragmentos dos relatos de um atendimento clínico e a partir de um comportamento explicitado pelo corpo ou pela fala do paciente, possibilita um suporte para descrever esta realidade psicológica. O relato, bem como seu registro e discussão, será tomado como dado da pesquisa e examinado através de ferramentas metodológicas como a análise de conteúdo e a análise de discurso (MOURA; NIKOS, 2000).

A partir da história de Narciso e do desenrolar dos atendimentos, diferentes aspectos serão abordados, tanto de evolução do paciente, quanto da experiência profissional do analista. A discussão dos resultados inicia-se com o tema empatia e a dificuldade de fazer reverberar essa ferramenta no atendimento; as características intensamente narcísicas demonstradas pelo paciente desde a primeira sessão fizeram com que os temas centrais fossem a transferência, suas explícitas projeções e a contra-transferências que suscitaram. Além disso, a contradição dos discursos explicitados por Narciso fez com que o detalhamento acerca dos conceitos de persona, sombra, anima e animus demonstrasse a importância que apresentam para compreender o complexo de inferioridade e seus diferentes desdobramentos no processo de individuação.

HISTÓRICO PESSOAL

Narciso tem 38 anos, cabelos escuros com alguns fios brancos, parece ter mais ou menos um metro e oitenta de altura, com uma barriga grande e no seu rosto não carrega nenhuma barba. Enquanto fala, gesticula bastante com as mãos, como se tentasse dar mais ênfase e entendimento àquilo que está falando. É casado há três anos e não tem filhos. Quando iniciou o atendimento, fazia uma semana que tinha começado a trabalhar em uma empresa telefônica, sendo consultor.

A relação com a esposa não parecia ser satisfatória aos olhos de Narciso, que relatou que sua mulher, aqui apresentada com o nome Eco, não estava sendo uma boa esposa, já que gritava muito e não obedecia aquilo que ele acreditava ser o melhor para a relação deles. Enquanto falava dela, gesticulava e enfatizava o quanto Eco não tinha a mesma cabeça que ele e como isso a deixava mais incapacitada. Em um dos atendimentos confessou que batia na esposa quando ela incomodava muito e que isso resolvia muito bem, pois ela passava duas semanas sem incomodar. A separação foi citada

por Narciso como sendo a provável saída para o seu casamento, pois não queria o ambiente de sua casa da maneira como estava.

O âmbito do trabalho foi sendo demonstrado por Narciso como problemático, pois a relação com os colegas seria dificultada por ele não aceitar que alguém que não fosse graduado como ele (graduou-se em administração), o mandasse fazer alguma coisa. Chegou a verbalizar que teria problemas com autoridade e dificuldade de se relacionar.

Narciso pouco falou da sua infância e adolescência, mas, do escasso que disse, foi possível compreender o seu envolvimento com drogas aos 16 anos e sua saída delas através da religião, em que Deus teria o tirado daquele caminho. Assim começou sua caminhada na religião e na fé, em que foi, aos 21 anos, para São Paulo estudar teologia e formar-se enquanto pastor. No entanto, não conseguiu terminar o curso, pois sua conduta não estava sendo condizente com a carreira de pastor, pois desfrutava de boates e tinha relações com prostitutas.

Em seguida a esse fracasso, quando não conseguiu ser o religioso que desejava, voltou para o interior do RS e então foi diagnosticado com depressão. Relatou que esse fracasso seria o evento desencadeante da sua depressão e foi por isso que procurou o serviço da psicologia, pois queria compreender os motivos desse diagnóstico e encontrar a cura.

Nos atendimentos foi possível perceber o envolvimento que Narciso estava tendo com a religião e o fascínio em seguir a carreira de pastor novamente. Acabou perdendo o emprego em uma empresa, depois de dois meses de serviço, por não conseguir manter uma relação satisfatória com as pessoas do trabalho, assim como com seu chefe. Disse não entender as causas da demissão, pois sempre foi ético, justificando ainda que o mundo está totalmente deturpado, assim como aquelas pessoas que não compreendiam suas atitudes. Com o tempo outros fatores e dificuldades foram sendo explicitadas no atendimento, mas nunca sendo vistas enquanto dificuldade de fato por Narciso, já que a projeção se apresenta enquanto 'o grande' mecanismo de defesa utilizado pelo paciente.

Narciso continuou desempregado e isso apareceu diversas vezes nos atendimentos como forma de insatisfação, em que expressava sua raiva e fazia projeções a pessoas que ainda mantinham um emprego, em que acabava diminuindo os outros e relatando não entender como ele, que era tão competente, estava sem emprego. Optou em seguir a carreira de pastor, mas acabava almejando um salário e uma satisfação que, por vezes, acreditava que não conseguiria alcançar.

Sobre a família, relatou que seus pais mantinham um relacionamento muito conturbado e que seu pai batia muito na sua mãe. Falou também sobre seu avô, que era pastor e representava a figura idealizada do que gostaria de ser e do lar que gostaria de ter, pois aquilo que era dito pelo avô era levado a sério e respeitado. Contou ainda que quando tinha uns 9 anos tentou manter uma relação incestuosa com a irmã mais velha, que é por quem demonstrava muito carinho quando falava em sessão, mas que depois percebeu que isso era errado e nada aconteceu.

Aos poucos, Narciso conseguiu expressar algumas fragilidades e, realmente, falar de si. Contou que aos 12 anos se envolveu com um menino que era seu amigo e que, às vezes, acreditava fazer umas brincadeiras de “um jeito meio gay”. Relatou que o seu pai, nessa fase, ficava apertando seu pênis e perguntando se ele seria homem de verdade. Narciso acredita que isso teve grande influência na escolha de sua sexualidade e que até hoje não sabe o que realmente teria escolhido se tivesse feito isso sozinho, referindo-se à possibilidade de ser homossexual.

Narciso conseguiu ao longo do tempo expressar aquilo que estava sentindo, aquilo que realmente queria dizer. Sobre o relacionamento com a esposa, houve a continuidade de algumas agressões físicas e psicológicas, mas ao final dos atendimentos foi possível observar uma abertura maior do Narciso com seu processo de individuação, um engajamento no processo terapêutico, a possibilidade de mudança e também de reflexão. Com isso, proponho um aprofundamento maior com o restante do trabalho.

HISTÓRICO CLÍNICO E DISCUSSÃO

Inicialmente, optou-se por discorrer acerca da empatia, por ser algo imprescindível, caracterizado enquanto ferramenta clínica de extrema importância para a prática psicológica. O uso de empatia deve ser compreendido como fator decisivo no manejo de casos e situações clínicas nas quais o tratamento esbarra em obstáculos que limitam o poder das intervenções verbais do analista (PIMENTEL; JUNIOR, 2009). Houve desde o início dos atendimentos a dificuldade em ser realmente empática a todas as questões trazidas por Narciso já que, por vezes, a contratransferência parecia ensurdecer qualquer possibilidade que eu pudesse ter de escuta. Questões essas que perpassavam pela violência de gênero, como o fato de relatar a relação abusiva que mantinha com sua esposa e as diversas formas, no seu discurso, em que ele diminuía as mulheres, incluindo a mim.

Essa dificuldade de fortalecer o espaço empático dentro do contexto da terapia fez com que eu refletisse sobre outros contextos que são constitutivos, sobre nossa cultura e a forma como nos subjetiva. Digo isso referindo-me mais profundamente sobre a forma como Narciso, e os homens em geral, identificam-se e direcionam sua persona para aquilo que acreditam significar masculinidade, muitas vezes reprimindo seus desejos, que, colocados em segundo plano, passam a invadir a consciência do homem na forma de fúria, podendo expressar ataques autoritários aos mais fracos, aqueles que acabam tendo menos poder na estrutura patriarcal. Refiro-me aos homens que regidos pelo patriarcado sentem muito medo do feminino (projetado nas mulheres) e, por isso, atacam-nas diante de qualquer desobediência ou tentativa de mudança às normas estabelecidas (CENTEVILLI, 2008). O próximo trecho refere-se a esse ataque que tem a desobediência como forma de justificativa aos olhos de Narciso.

Narciso: Acho que não quero mais os atendimentos. Porque na realidade não sou eu quem preciso, quem tem problema e precisa se tratar é a minha mulher.

Terapeuta: O que te faz acreditar nisso?

Narciso: Assim como uma mulher pode ajudar um homem a subir, também pode fazer com que ele fique na lama. Não consigo ter um emprego, nem me relacionar bem com a minha família e com a minha esposa e acredito que a culpa é dela por isso acontecer, porque ela não faz com que o nosso lar seja agradável. Quantas vezes já pedi pra ela parar de gritar dentro de casa! Porque aquele é o nosso lar, abençoado por Deus, mas ela não me leva a sério e fica gritando. Então se ela gosta de gritar, eu gosto de bater.

(quinto atendimento)

As emoções são definidas como reações instintivas, involuntárias, que perturbam a ordem racional da consciência com suas irrupções, constatando, ainda, que o afeto é tanto mais patológico quando mais violento ele for. Neste caso, um ou mais complexos podem invadir a consciência e o ego é dominado (JUNG, 2012b). Acredita-se que dominar está vinculado a outro conceito explicitado por Jung como constelação, em que uma situação exterior desencadeia um processo psíquico que consiste na aglutinação e atualização de determinados conteúdos. A expressão ‘está constelado’ indica que o indivíduo adotou uma atitude preparatória e de expectativa à qual irá reagir de forma inteiramente definida (JUNG, 2012a). Essas definições demonstram como Narciso relaciona-se com Eco, mas também em outros contextos, quando descreve a dificuldade em aceitar a autoridade de seu chefe, por exemplo. Há um enrijecimento na forma como recebe qualquer ação que tente exercer um certo poder sobre Narciso, como se essa via fosse possibilidade somente para ele. Refiro-me a mais um trecho dos relatos, onde Narciso se mostra desconfortável com a terapia e acredito que tenha a ver com a forma como tentei manter a relação dentro do contexto terapêutico.

Narciso: Não quero mais continuar com a terapia, porque a terapia não está andando como eu gostaria.

Terapeuta: E o que está fazendo com que a terapia não ande?

Narciso: Ah, não sei. Várias coisas. Acho que uma delas é por tu ser muito nova e inexperiente, fico sempre te comparando com as outras terapeutas que tive. E elas seguiam aquilo que eu queria falar, não ficavam puxando outras coisas.

Terapeuta: Então tu acreditas que a minha inexperiência esteja atrapalhando o desenvolvimento da terapia?

Narciso: Não é só isso, mas isso é uma delas.

Terapeuta: O que eu posso te dizer, Narciso, é que em todos os atendimentos acredito que trabalhamos pontos bem significativos e que estou comprometida com o teu atendimento. Mas se a terapia

não está andando como tu gostarias pode ser que não esteja havendo um real comprometimento teu com esse espaço.

(sétimo atendimento)

Nesse trecho, ainda, além de explicitar toda a projeção que Narciso faz incansavelmente nos atendimentos, há a tentativa de menosprezar a terapia, ou melhor, a terapeuta, demonstrando a relação de poder que Narciso tenta configurar em todas as suas relações. Obviamente que nesses momentos em que me sentia diretamente incitada a ter alguma reação, ficava muito mais difícil de compreender o que a contratransferência que sentia estava querendo me dizer. Mas ainda assim, quando devolvi a Narciso a questão da falta de comprometimento dele com aquele espaço, percebi que ele se recostou na cadeira, arregalando os olhos, expressando, talvez, certa surpresa e compreensão do que eu havia dito. Pareceu, a partir disso, então, escolher falar mais sobre si, sobre aquilo que não estava o deixando satisfeito na vida, questões íntimas que antes ele não dava espaço para que aparecessem, como, até mesmo, sua fragilidade.

É nesse sentido que, por vezes, o narcisismo serve-se de uma identificação projetiva negativa, projetando no outro o que de ruim ele sente em si próprio, podendo, assim, desvalorizar e destruir o outro, como se estivesse destruindo seus próprios fantasmas, dentro de si, ou controlando-os ao dominar o outro. Acredita ainda (embora não o assuma ou admita) que, para sobreviver, é preciso usar o outro, sugá-lo, negá-lo, desrespeitá-lo, caso contrário, o outro não aceitaria submeter-se a seu domínio. Acredita que não faz nada disso por mal, não sendo esse seu objetivo, mas o faz, porque caso não o fizesse perderia o domínio da situação e ver-se-ia perdido e sem saída. Ele não assume, ou não percebe, que ‘precisa’ dessa manipulação para ocultar um conflito interno, para que ela o defenda contra a aceitação do sentimento de menos-valia que sente (MARTINS, 2009).

Quanto mais a pessoa se conhece, menor é a expressão da projeção sobre os outros e maior sua relação consigo mesma (VON FRANZ, 1999). Acredito que essa seria a proposta inicial de toda terapêutica. A análise de Narciso, não diferentemente, também fez parte do meu processo terapêutico e de compreensão da contratransferência.

Continuamos, então, pelo tema da contratransferência, que é na realidade expressão do arquétipo do curador ferido, descrito enquanto uma imagem antiga e muito difundida. Podemos citar Quíron, o centauro que ensinou a Esculápio as artes da cura. Quíron sofria de feridas incuráveis, descritas aqui enquanto expressão mitológica desse curador ferido. Psicologicamente, isso significa não só que o paciente tem um curador dentro de si, mas também que quem cura está ferido. No trabalho analítico, o inconsciente do analista é penetrado pela dor do paciente e o terapeuta torna-se psiquicamente contaminado pelas projeções a que está exposto. Assim, quem cura é ferido outra vez, por absorver a doença do outro (STEINBERG, 1990).

Pela importância dessa questão, resolvi explicitar alguns trechos do meu caderno de anotações, onde tentava expressar em palavras a contratransferência em que me envolvia. “Foi complicado

escutar tudo o que ele disse sobre as mulheres e de como ele gostaria que sua esposa fosse, demonstrando que ela é burra por não conseguir ser aquela mulher que ele espera. Digo que foi complicado, pois sou mulher e muito daquilo que ele falou foi extremamente machista e sem fundamento...” (minhas impressões - caderno de anotações). No primeiro dia já sentia que muitas emoções e anseios tinham sido despertados dentro de mim. Primeiramente, não sabia qual seria a melhor forma de lidar com tudo aquilo e agora vejo a ferida que estava se rompendo desde o início. Estar ferido não é apenas um destino inevitável e doloroso, é também um aspecto necessário para ajudar os outros. Com o conhecimento adquirido na tentativa de curar as próprias feridas é que o terapeuta pode, então, ajudar os outros. Vale ressaltar que não é o terapeuta que cura o outro diretamente, ele ativa o processo de cura no inconsciente do paciente (STEINBERG, 1990).

Enquanto esse processo vai se estabelecendo, é imprescindível a explicitação dos conceitos de persona e sombra. Persona refere-se a uma máscara que utilizamos diariamente como forma de nos adaptarmos às exigências culturais e coletivas em conformidade com nosso papel na sociedade, por exemplo, com a nossa ocupação ou profissão e posição social. Precisamos tanto desenvolver uma máscara de persona como um ego adequados, se essa diferenciação fracassar, forma-se um pseudo-ego, onde o padrão de personalidade se baseia na imitação estereotipada ou numa atuação meramente zelosa em relação ao papel atribuído coletivamente à pessoa na vida (WHITMONT, 2002). A manifestação da persona é feita de forma clara nos primeiros atendimentos. Com Narciso essa demonstração foi intensa, pois havia sempre uma contradição com aquilo que ele queria parecer e aquilo que ele tentava esconder. Com o andar da terapia conseguimos dar início a uma ‘quebra’ da persona. Refiro-me enquanto ‘quebra’ ao fato da explicitação contínua que fazia sobre as contradições presentes nos discursos de Narciso.

Em um dos atendimentos, Narciso relatou ter usado maconha e cocaína por um tempo, ter se envolvido com o tráfico, mas certo dia afirmou ter sentido que Deus estava tocando o seu coração, quando ele decidiu ir embora para São Paulo, estudar teologia e ser pastor. E, talvez, só por causa do toque divino é que ele foi capaz de falar dele enquanto um ser errante, pois este foi o erro que o levou ao caminho correto, ao caminho da perfeição, ou seja, o erro já não existe mais. Essa questão de ser pastor foi outra máscara a que Narciso acabou aderindo, pois diversas vezes relatou ter uma grande satisfação em poder pregar para as pessoas, poder estar no altar falando para os outros as palavras de Deus. Enquanto relatava essa satisfação foi possível perceber a alegria que sentia em estar ocupando um lugar de poder, um lugar que acabava massageando ainda mais o seu ego narcísico. Aqui pontuo a ligação e importância dessa máscara enquanto possibilidade de procura por ajuda psicológica feita por Narciso, pois historicamente há a tecnologia de confissão que, após diversos desdobramentos, acabou caracterizando e resultando no trabalho da psicologia. O que inicialmente era confissão cristã num contexto religioso, moral, de culpabilização, em que se verbaliza a um sujeito que ouve e julga, condena ou absolve, hoje diferentemente dispomos da hermenêutica moderna, em que o indivíduo confessa ao terapeuta/analista centralmente seu desejo (FILHO, 2006).

Com o passar dos atendimentos, percebia que a relação com a esposa era caracterizada por agressões físicas além das psicológicas. Narciso controlava-se para não entregar toda a história do que se passava realmente na sua casa, pois tinha receio e também se sentia culpado por estar pecando: “Tu acha que vou assinar o meu atestado de culpa aqui?” (Narciso diz/décimo quarto atendimento). relatei essa questão da violência para explicitar a contradição entre a persona do pastor e a sombra, que estava cada vez mais vindo à tona.

Narciso: Mas vai chegar o dia do julgamento final, que quem vai fazer vai ser Deus, e daí eles vão ver que aquele caminho que eles estão levando não é o certo. Eu não estou aqui pra julgar, mas as pessoas têm que se dar por conta que tem o certo e o errado. É que nem essa coisa de mulher casar com mulher, isso está errado. Deus fez o homem e a mulher de forma que só eles podem ter filhos. Já viu uma mulher ter filho de outra mulher?! Não tem como, porque isso é errado. Deus nos fez de uma maneira, para termos uma família...

Terapeuta: E como seria essa família?

Narciso: Família é homem, mulher e os filhos. Onde é que já se viu mulher com mulher?! Daqui a uns dias vai sair por aí mulher com macaco, mulher com galinha, mulher com cachorrinho e dizendo que isso é bom. Isso é ridículo...

(nono atendimento)

Explicito esse trecho em conformidade com o relato anterior acerca da contradição instaurada nos discursos. Inicialmente Narciso veste-se do papel de pastor e julga aquilo que deve ser o correto e o errado, ameaçando as pessoas que não seguem o mesmo que ele acredita. Quando tento apontar para essas contradições, o paciente não consegue compreender e algumas vezes até compreende, mas não aceita refletir acerca disso. No trecho acima Narciso explicita no seu discurso o relacionamento homossexual de mulheres com mulheres, mas em nenhum momento falou da relação entre homens, por mais que tenha sido referido em outro momento que ele já tenha experienciado na adolescência um relacionamento homossexual, como foi explicitado no breve relato do caso.

O termo sombra refere-se à parte da personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal, sendo ela também necessária enquanto possibilidade de reverberar a individuação. Como tudo o que é inconsciente é projetado, encontramos a sombra na projeção. Além disso, a sombra é a experiência arquetípica da “outra pessoa”, que, em sua estranheza, é sempre suspeita. Caracteriza-se enquanto anseio arquetípico o bode expiatório de alguém para culpar e atacar, a fim de obter justificativa e absolvição (JUNG, 2011). Seria a experiência arquetípica do inimigo, a experiência da culpabilidade que sempre adere à outra pessoa, já que temos a ilusão de compreender a nós mesmos e de já ter lidado adequadamente com os nossos próprios problemas. À medida que tenho de ser correto

e bom, ele, ela ou eles tornam-se os portadores de todo o mal que não consigo reconhecer em mim mesmo (WHITMONT, 2002).

Narciso: Agora eu percebi que o problema não sou eu, e sim a minha esposa - Eco. Tu tem que ver como ela é desequilibrada, só eu falando não tem como tu ter a noção de como ela é. Por isso, eu acho que não preciso continuar em atendimento psicológico porque eu venho aqui falando de problemas que não estão nas minhas mãos para resolver. Eu não tenho como resolver porque é de fora o problema, está no mundo e na minha mulher. Porque, olha, eu vou te dizer uma coisa, eu posso fazer tudo 100% direito, mas ela sempre estraga tudo.

(décimo nono atendimento)

Esse trecho fala por si quanto à expressão das projeções que Narciso faz, sendo expressão também da sua sombra. Quando se refere à sua mulher dessa maneira, esboça sua anima negativa. A descreve enquanto desequilibrada, mas o que percebo nesse paciente é a busca de um ideal em plena contradição com suas atitudes, demonstrando na realidade o seu desequilíbrio. Quando contestado ou indagado acerca disso, não costumava aceitar o que eu dizia e, muitas vezes, voltava a falar sobre a religião como forma de não tocar mais no assunto, de restauração regressiva da persona, como se num movimento para trás, na direção de uma organização anterior da personalidade, que é inadequada ao momento atual de crescimento, retornasse a uma posição segura, já conhecida (HALL, 1986). Em um atendimento em que estava pontuando algo sobre essas contradições, ele disse “Então Jesus é o caminho, a verdade e a vida. E é isso”, esboçava ao fim da frase um sorriso, demonstrando visivelmente que o que ele não queria era que continuássemos naquele assunto. Deixava transparecer que a sombra, por mais aparente que estivesse, ainda assim respondia ao poder que ele exercia dentro do ambiente da terapia, onde só poderia ver aquilo que ele deixasse.

A simbologia do pastor se faz interessante na hora de refletir acerca de Narciso, por ter sido algo muito forte, além de ser essa a escolha para carregar enquanto máscara. Obviamente que a imagem do pastor é carregada de simbolismo religioso. Deus delega, então, uma parte de sua autoridade ao chefe temporal e religioso, em que este é igualmente chamado de pastor do povo. O simbolismo do pastor comporta também um sentido de sabedoria intuitiva e experimental, simboliza ainda a vigília, sua função é um constante exercício de vigilância; ele está desperto e vê. Por isso, é comparado ao sol que tudo vê e ao Rei. No que concerne ao seu rebanho, o pastor exerce uma proteção ligada a um conhecimento (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012).

Com essa explicitação da imagem do pastor, fico pensando em diversas questões. Uma delas é que por ser referido a Deus delegar uma parte de sua autoridade a uma pessoa, esse chefe temporal e religioso, isso pode explicitar bem a questão do reforço e até mesmo do alimento que se faz ao narcisismo do paciente, pois acredita que é o centro e que somente Deus é maior que ele, sendo, ainda

assim, algo que não vive na Terra, deixando somente ele então enquanto ‘comandante’ do rebanho. Quando refere-se também à questão de o pastor exercer uma proteção ligada a um conhecimento, demonstra uma ligação muito grande com algumas falas do Narciso: “Não é que eu me ache mais que os outros, mas eu tenho duas graduações, então as pessoas não estão no mesmo nível”; “Sinceramente, cada vez mais percebo que sou melhor que muitas pessoas, porque elas não têm nem um desenvolvimento cognitivo. Posso estar parecendo arrogante, mas é verdade”. Com isso, o que reconheço é que há, até mesmo, um uso do lugar do pastor de forma perversa, pela questão de estar ali pelo status que representa e o poder que pode estar vinculado a isso.

O aprofundamento que tivemos na sombra, tanto a minha como a do Narciso, mas também a possibilidade de caminharmos além. “Sinto cada vez mais que essas máscaras que carrego estão ficando ainda mais pesadas...” (Narciso diz). Depois de vários atendimentos, houve várias questões transferenciais e contratransferências, uma incessante luta mental, evocando emoções que até então não haviam sido ativadas, mas que acabaram sendo, através de alguns dos complexos instaurados em mim. Além do reconhecimento do meu limite, o meu conhecimento, também possibilidade de enxergar o lugar do outro, o sofrimento, a inquietação e o desconforto em enfrentar algo que desacomodou toda e qualquer harmonia, numa conseqüência de total deturpação dos sentidos, mas que acabaram sendo reorientados da melhor forma ou da forma mais possível, hoje percebo que toda essa angústia durante o percurso fez parte do processo de individuação tanto do Narciso, como do meu.

Tanto a persona como a sombra podem ser consideradas extensões do ego, podendo ser integradas num grau significativo, como descrevi anteriormente. Mas a próxima camada da psique, que é descrita como anima no homem e animus na mulher, é bem mais difícil de se perceber, pois a integração de ambos costuma ser experimentada de forma projetada. Tanto a anima quanto o animus podem assumir formas positivas e negativas. Quando há a expressão da forma negativa, eles acabam tornando-se coordenadores das defesas neuróticas que protegem o ego do perigo, ao mesmo tempo em que excluem o ego do crescimento, do relacionamento e do amor (HALL, 1986). Fico pensando na demonstração que a anima pode ter no caso de Narciso, até mesmo na questão da homossexualidade, apresentada por ele na fase da pré-adolescência, mas que teve de ser reprimida de forma até mesmo violenta, por imposição do pai. Essa não possibilidade de se conectar de forma íntima com a expressão da anima faz com que hoje, em minha compreensão, Narciso não consiga lidar com essa demonstração do feminino que fica a cargo de sua esposa, irritando-se com a expressão dos sentimentos e agredindo-a de forma que a violência cesse essa expressão, ao mesmo tempo em que deseja ser amado e que ela faça isso de forma que ele consiga sentir, que cesse até mesmo seu desejo de integração com sua anima.

Narciso: Ah, sei lá, é que eu sou muito brincalhão, daí as vezes falo coisas que parecem gays. Fico pensando em como o meu pai influenciou, mesmo sendo distante. O meu pai é vendedor e meu avô

era pastor, parece que fico no meio disso tentando encontrar o que eu sou e eu na realidade não sei. Não sei o que eu quero. E também percebo que tenho características da minha mãe, a passividade dela perante a vida. Claro que ela é muito mais, mas percebo isso também em mim. Tento integrar o que meu pai é com o que meu avô foi, pra tentar seguir o meu próprio caminho, mas é difícil. Não sei o que eu quero, não sinto vontade ou satisfação, realmente não consigo saber quem eu sou. Ser pastor é muito bom, me sinto realizado, até em alguns momentos entro em êxtase, mas por ser tão cansativo não sei se é o que eu quero (todos esses papéis em que tenta se encaixar correspondem positivamente no social). Acho que todo o meu complexo de inferioridade vem também dessa coisa de não saber, como vem lá de antes, acho que até a questão da homossexualidade pode estar relacionada, porque quem é gay sofre muito preconceito e se sente inferior. É tudo difícil...

(vigésimo atendimento)

O complexo de inferioridade consiste em um sentimento que o acompanha de medo de parecer “desprezível” diante de si mesmo, assim como aos olhos dos outros. Ele arruína o senso de valor próprio, em que o senso de *self* é facilmente influenciado por outros: a pessoa se sente exposta e julgada pelo meio. Novamente, torna-se pertinente falarmos da persona que é descrita enquanto máscara da alma, que tem pretensão de proteger ou esconder aqueles traços de personalidade que enxergamos como nossos pontos fracos. A persona é frequentemente uma tentativa de mostrar ao mundo (e algumas vezes também a nós mesmos) o modo como nós desejamos ser, mas não como nós somos. Esse complexo ainda pode ser caracterizado pela falta de valor próprio de uma pessoa e, às vezes, compensado por sentimentos de grandiosidade, solidificando-se dentro da autoimagem, junto com as defesas e as compensações correspondentes. A terapia deve tentar “liquefazer” essa solidificação (JACOBY, 2012).

Relaciono esses sentimentos de grandiosidade com o narcisismo expressado por Narciso, mas que aos poucos estão se “liquefazendo”, tomando outra expressão, outra compreensão. Acredito que o mais interessante e lindo da evolução desse caso é todo o caminho percorrido, dos encontros e desencontros na análise, mas principalmente da possibilidade a que Narciso está se propondo de realmente se reconhecer, de dar espaço para ser o que quer e não simplesmente ser extensão daquilo que um dia o pai foi, do ideal que o avô representa ou do medo que sente em ser passivo como a mãe, ser alguém, diferente ou igual a tudo isso, mas ir além, se perceber alguém.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo de caso foi possível perceber a importância do reconhecimento da projeção, assim como a compreensão do lugar que o analista ocupa na relação transferencial e contratransferencial. Não é somente uma questão de fazer a psicoterapia dar certo, mas de vivenciar o processo de individualização de cada paciente e também o nosso, de cada terapeuta.

O virginal Narciso que reflete, puramente, sobre si mesmo, extasia-se cada vez mais nesse movimento intenso, que demonstra como a reflexão narcísica é profundamente autorreveladora e autocontida nos limites estreitos do lago. Apesar dessa profundidade de reflexão vertical, ou talvez por causa dela, o mundo horizontal de Eco é ignorado. Tentando, incessantemente, encontrar significado e *insight* dentro de nós mesmos, tornamo-nos surdos ao ambiente (BERRY, 2014). Surdez essa que proporciona conhecimentos e reconhecimentos de quem somos. Porém, reflito para além de uma surdez, mas me pronuncio pela “barulheira” da transferência e contratransferência, se escutadas: a importância analítica que essa troca de sonoridades proporciona, a força que tem no processo de individuação e a saída desse estado virginal. Isso demonstra que, por mais revelador, seguro e contido que seja o lago, ainda assim a visão e a escuta ampla do trabalho do analista refletem a grandeza e a responsabilidade de conhecer não só suas próprias águas, mas a imensidão de velejar em um oceano que diz do outro.

Quem sabe, um dia, Narciso integrará o mundo horizontal que Eco governa, unificando assim a expressão de sua alma, aceitando-a como parte integrante de sua sombra, e não como inimiga. Quem sabe em algum momento essa surdez ao ambiente, esse mergulho solitário em si mesmo não seja tão necessário para se reconhecer. Por mais apegados que sejamos à nossa identidade de ego, aquilo que nos define como indivíduo, constituinte da personalidade, há que se ter o desejo da evolução e não do retrocesso ao que já é conhecido, somente. Para o crescimento existir se faz necessário o desejo de velejar em si e no outro, transpondo a forma de ver. Escolhi escrever esse artigo como forma de colocar em palavras, verbos, sentidos e significados tudo aquilo que vivenciei em um processo que não dizia só de um paciente, mas que me levou a mergulhar em mim e retornar a velejar na possibilidade de sempre ser mais.

REFERÊNCIAS

ANDRÉA, M. A. Transferência e contratransferência: o sentir como instrumento de trabalho no processo grupal. *Revista SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 51-58, 2006.

BERRY, P. **O corpo sutil de Eco**: contribuições para uma psicologia arquetípica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CENTEVILLE, V. **Ciúme patológico masculino**: reflexões sob a ótica junguiana. 2008. 149f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário dos símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

FILHO, K. P. Uma genealogia das práticas de confissão no Ocidente. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Org.). **Figuras de Foucault**. São Paulo: Autêntica, 2006.

FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. **As 100 melhores histórias da mitologia**: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana. Porto Alegre: L&PM, 2003.

HALL, J. **A Experiência Junguiana**: Análise e Individuação. São Paulo: Cultrix, 1986.

JACOBY, M. **Psicoterapia Junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças**: padrões básicos de intercâmbio emocional. São Paulo: Paulus, 2012.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 2. ed. esp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **Aion**: estudo sobre o simbolismo de si-mesmo. O.C. 9/2. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **A natureza da psique**. O. C. 8/2. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. O.C. 9/1. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisas em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, SP: EPU, 1986.

MARTINS, A. **Uma violência silenciosa**: considerações sobre a perversão narcísica. Cad. Psicanál. Rio de Janeiro: CPRJ, 2009.

MOURA, A.; NIKOS, I. Estudo de caso, construção do caso e ensaio metapsicológico: da clínica psicanalítica à pesquisa psicanalítica. **Pulsional Revista de Psicanálise**, São Paulo, ano XIII, n. 140/141, p. 69-76, 2000.

PALHARES, M. do C. A. Transferência e Contratransferência: a clínica viva. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 42, n. 1, p. 100-111, 2008.

PENNA, E. M. D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Rev. Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 71-94, 2004.

PIMENTEL, P. K. de A.; JUNIOR, N. C. Algumas considerações sobre o uso da empatia em casos e situações limite. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 301-314, 2009.

STEINBERG, Warren. **Aspectos clínicos da terapia junguiana**. São Paulo: Cultrix, 1990.

VIVES, T. L. de; ROCABERT, J. V. Reações contratransferenciais e gênero do analista e analisando/a. **Rev Brasileira de Psicanálise**, v. 42, n. 4, p. 145-152, 2008.

VON FRANZ, M. 1915. **Psicoterapia**. São Paulo: Paulus, 1999.

WHITMONT, E. C. **A busca do símbolo: conceitos básicos da psicologia analítica**. São Paulo: Cultrix, 2002.